

Universidade de Brasília  
Instituto de Letras – IL  
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução – LET  
Curso de Licenciatura em Língua e Literatura Japonesa

João Vitor Teixeira Lara Resende

**Proto Nipo-Coreano:  
Uma análise de algumas hipóteses sobre o parentesco entre as  
línguas japonesa e coreana.**

Brasília



2019

João Vitor Teixeira Lara Resende

**Proto Nipo-Coreano:  
Uma análise de algumas hipóteses sobre o parentesco entre as línguas  
japonesa e coreana.**

Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília e à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Japonesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Lira  
Ferreira Tanaka

Brasília

2019



João Vitor Teixeira Lara Resende

**Proto Nipo-Coreano:  
Uma análise de algumas hipóteses sobre o parentesco entre as línguas  
japonesa e coreana.**

Trabalho Monográfico de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília e à Banca Examinadora como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em Letras – Língua e Literatura Japonesa.

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019.

Banca Examinadora

---

Orientador: Prof. Dr. Marcus Vinicius de Lira Ferreira Tanaka  
Universidade de Brasília — UnB

---

Examinadora: Profa. Dra. Alice Tamie Joko  
Universidade de Brasília — UnB

---

Examinadora: Profa. Dra. Yuko Takano  
Universidade de Brasília — UnB



## Agradecimentos

Primeiramente, agradeço ao meu orientador, Prof. Lira, pela orientação, insistência, paciência e compreensão, mesmo em tempos tão conturbados, por não me deixar desistir mesmo quando acreditava que não iria dar certo e não desistir de mim.

Agradeço imensamente também aos demais professores da área pela ajuda, apoio e compreensão, principalmente a Prof.<sup>a</sup> Alice, Prof.<sup>a</sup> Yuko e Prof. Yuki, por entenderem a minha situação e tornar possível a realização deste trabalho.

Agradeço também aos meus amigos e família, por não me deixarem desistir e também sempre me darem suporte emocional, me escutando, mas principalmente, apesar das dúvidas e dos problemas, obrigando-me a sair de casa e estudar, fazendo deste trabalho uma realidade.

Sem a colaboração de todos, nada neste trabalho teria sido possível.

## Resumo

Devido a semelhança estrutural entre as línguas japonesa e coreana e falta de um consenso na comunidade linguística sobre as origens de ambas as línguas, o presente trabalho propõe a análise por meio da revisão bibliográfica e a comparação de cognatos à luz da linguística histórica e método comparativo propostos por alguns dos principais atuais defensores — Francis-Ratte (2016) e Whitman (1985) — e opositores — Vovin (2010) — da hipótese da protolíngua nipo-coreana.

Estes autores propõem a análise, através do princípio da regularidade das mudanças fonéticas, de diversos cognatos que buscam provar a (in)existência de uma ancestralidade comum entre as línguas japonesa e coreana. Neste trabalho foram analisados 21 vocábulos submetidos por esses autores, para atestar se as reconstruções propostas ou recusadas são plausíveis, de acordo com os preceitos do método comparativo e a regularidade das mudanças fonéticas endossadas pela linguística histórica.

**Palavras-Chave:** Linguística histórica. Língua japonesa. Língua coreana. Método comparativo. Parentesco linguístico. Protolíngua. Proto Nipo-Coreano.



## Abstract

Due to the structural similarity between the Japanese and Korean languages and lack of a common understanding in the linguistic community regarding the origins of both languages, the present work proposes the analysis through a literature review and the comparison of cognates according to the historical linguistics and comparative method, proposed by some of the main current proponents - Francis-Ratte (2016) and Whitman (1985) - and opponents - Vovin (2010) - of the hypothesis of a Japanese-Korean protolanguage.

These authors propose the analysis, through the principle of regularity of sound changes, of several cognates that seek to prove the (in)existence of a common ancestry between the Japanese and Korean languages. In this work, 21 words submitted by these authors were analyzed to ascertain whether the proposed or rejected reconstructions are plausible, according to the precepts of the comparative method and the regularity of sound changes endorsed by historical linguistics.

**Keywords:** Historical linguistics. Japanese language. Korean language. Comparative method. Linguistic relationship. Protolanguage. Proto Japanese-Korean.

## Sumário

Agradecimentos .....	I
Resumo .....	II
Abstract .....	III
Sumário .....	IV
Tabelas.....	V
Siglas.....	VI
1. Introdução .....	1
1.1. Contextualização.....	1
1.2. Justificativa.....	1
1.3. Limitações .....	2
1.4. Pergunta de Pesquisa .....	2
1.5. Objetivos .....	2
1.5.1. Objetivo Geral .....	2
1.5.2 Objetivos Específicos.....	3
1.6. Estrutura do Trabalho .....	3
2. Fundamentação Teórica.....	4
2.1. Linguística Histórica .....	4
2.2 Mudanças Fonéticas .....	6
2.3 Método Comparativo .....	15
2.4 Inventário Fonológico .....	22
2.4.1 Japonês Antigo .....	23
2.4.2 Coreano Médio .....	24
2.5 Histórico de Comparações Nipo-Coreanas .....	26
3. Metodologia de Pesquisa .....	27
3.1 Revisão Bibliográfica.....	27
3.2 Dados.....	28
4. Análise.....	29
4.1 Análise e Discussão dos Dados.....	29
5. Considerações Finais .....	37
5.1 Contribuições da pesquisa .....	37
Referências Bibliográficas .....	38
Anexos .....	40

## Tabelas

Tabela 1: Escala de Sonorização.....	8
Tabela 2: Descrição Fonética de [n] e [p].....	10
Tabela 3: Cognatos em Línguas Polinésias.....	16
Tabela 4: Correspondências em Línguas Polinésias.....	16
Tabela 5: Reconstruções Vocálicas em Línguas Polinésias.....	18
Tabela 6: Reconstruções Consonantais em Línguas Polinésias.....	18
Tabela 7: Inventário Vocálico Balanceado.....	20
Tabela 8: Inventário Vocálico Desbalanceado.....	20
Tabela 9: Mudanças Condicionadas em Línguas Polinésias.....	21
Tabela 10: Fonologia Vocálica do Japonês Antigo.....	23
Tabela 11: Fonologia Consonantal do Japonês Antigo.....	24
Tabela 12: Fonologia Vocálica do Coreano Médio.....	24
Tabela 13: Fonologia Consonantal do Coreano Médio.....	25

## Siglas

Japonês Antigo .....	JA
Coreano Médio .....	CM
Proto Coreano .....	pC
Proto Japonês .....	pJ
Proto Nipo-Coreano .....	pJC

## 1. Introdução

### 1.1. Contextualização

Apesar dos esforços feitos até hoje para tentar explicar a origem da língua e do povo japonês, ainda não se conseguiu chegar a um consenso. Com relação à origem da língua, já foram cunhadas diversas hipóteses, como por exemplo: a hipótese altaica<sup>1</sup> ou uma tentativa de classificá-la dentro da família austronésia<sup>2</sup> (SHIBATANI, 1990, p. 94 e 95). Devido à falta de uma melhor explicação, é comum encontrar estudos que convenientemente classificam a língua japonesa como uma língua isolada. No entanto, nos anos recentes foi possível perceber um aumento gradual de estudiosos tentando provar a suposta ancestralidade comum entre a língua japonesa e a língua coreana, fato que chama a atenção de diversos linguistas devido ao seu alto número de semelhanças morfológicas e sintáticas.

Entretanto, apesar dos vários pontos de convergência, sempre houve uma dificuldade por parte dos estudiosos de estabelecer correlações convincentes a nível lexical/fonético entre as duas línguas, sendo que estas comparações constituem a base fundamental e indispensável para a determinação de parentesco, de acordo com o método de análise da linguística histórica (CAMPBELL, 1999) (CROWLEY; BOWERN, 2010).

### 1.2. Justificativa

Além da escassez de trabalhos referentes ao tema em língua portuguesa, o presente trabalho foi desenvolvido para, em primeira instância, comparar e analisar os trabalhos mais recentes que propõem um parentesco entre as línguas coreana e japonesa, línguas essas que ainda não possuem explicação bem estruturada e aceita sobre suas origens. E, ao buscar compreender como ocorreu — ou não — a interrelação entre estas línguas não estaremos somente impulsionando os estudos no

---

<sup>1</sup> As línguas altaicas são um conjunto de línguas faladas desde a Turquia, na Ásia Central, passando pela Sibéria até a Mongólia.

<sup>2</sup> As línguas austronésias são um conjunto de línguas de alta distribuição encontradas desde o Oceano Índico, em Madagascar, até diversas ilhas no Oceano Pacífico desde a Ásia até a Oceania como Malásia e Polinésia.

campo linguístico, mas também impulsionando a compreensão em âmbitos históricos, sociológicos e antropológicos sobre o surgimento e desenvolvimento de um povo e sua cultura.

### **1.3. Limitações**

Devido à complexidade do assunto, exigência de trabalho exaustivo de comparação e tempo curto disponível para a formulação e apresentação de uma monografia de TCC, não serão apresentados novos dados linguísticos (cognatos) para fomentação da hipótese da protolíngua coreana-japonesa. Portanto, foi escolhido analisar alguns cognatos hipotetizados de alguns dos principais autores a respeito da hipótese da protolíngua nipo-coreana, onde foram comparadas as visões desses autores na possível reconstrução desta protolíngua. (Francis-Ratte, 2016) (Whitman, 1985), como também a visão de uns seus principais opositores (Vovin, 2010).

### **1.4. Pergunta de Pesquisa**

As reconstruções propostas ou rejeitadas pelos autores são plausíveis de acordo com os preceitos do método comparativo e regularidade das mudanças fonéticas endossadas pela linguística histórica?

### **1.5. Objetivos**

Mostrar e analisar algumas pesquisas recentes que levantam hipóteses sobre o grau de parentesco entre a língua japonesa e a língua coreana e os esforços para a reconstrução de uma protolíngua coreana-japonesa. (Seus principais apoiadores e opositores)

#### **1.5.1. Objetivo Geral**

Comparar e analisar os principais argumentos contra e a favor da reconstrução de uma protolíngua coreana-japonesa e, portanto, seu possível relacionamento.

### **1.5.2 Objetivos Específicos**

Analisar e comparar alguns dos principais cognatos encontradas pelos autores.

Analisar quais correspondências propostas se adequam fonética e semanticamente aos dados apresentados pelos autores.

### **1.6. Estrutura do Trabalho**

O presente trabalho divide-se em cinco principais capítulos: o primeiro capítulo trata principalmente da contextualização, motivação e objetivos desta pesquisa. O segundo capítulo refere-se ao arcabouço teórico composto pela linguística histórica, mudanças fonéticas, método comparativo, inventário fonológicos das línguas japonesa e coreana e histórico de comparação entre as duas línguas. O terceiro capítulo traz a metodologia de pesquisa utilizada além da apresentação dos dados que foram utilizados. No quarto capítulo foram reanalisados os dados escolhidos e propostos pelos principais autores defensores e opositores da hipótese da protolíngua nipo-coreana. E por último, o quinto capítulo traz as considerações finais a respeito dos resultados desta pesquisa assim como sua contribuição futura para a área de estudo.

## 2. Fundamentação Teórica

### 2.1. Linguística Histórica

A linguística histórica, também conhecida como linguística diacrônica, é uma das primeiras ramificações da linguística tradicional, ou seja, uma das áreas de estudo mais antigas da linguística. Ela surge como a ferramenta disponível para tentar decifrar os primeiros grandes questionamentos dos pioneiros linguistas europeus e norte-americanos: De onde as línguas surgiram? Elas possuem alguma relação entre si? Como elas se desenvolveram com o tempo? Como eram estas línguas antigamente? Tendo isso como base, desenvolveram-se os métodos de estudo da linguística histórica, os quais são focados no estudo diacrônico das mudanças fonéticas e fonológicas, gramaticais e semânticas; reconstrução de protolínguas e variantes antigas de línguas modernas; e o estabelecimento de métodos para se determinar parentesco linguístico (BRITANNICA, 1998).

No entanto, é preciso definir com mais exatidão o que são os conceitos de parentesco linguístico e protolínguas. Esses conceitos foram reconhecidos, pela primeira vez pelo filólogo Sir. William Jones em 1786, em seu famoso discurso a respeito da língua sânscrita:

“O sânscrito, por mais antigo que seja, é de uma linda estrutura; mais perfeita que o Grego, mais rica que o Latim, e mais precisamente refinada que ambos; e ainda compartilha com ambas as línguas uma grande afinidade, tanto nas raízes dos verbos quanto no aspecto gramatical; semelhança essa grande demais para que tenha sido criada por acidente; é, na verdade, tão forte, que nenhum filólogo poderia examinar as três sem acreditar que tenham surgido de uma fonte comum, que, talvez, nem exista mais.” (JONES, 1786, p.8) (Tradução nossa<sup>3</sup>)

Esta foi a primeira vez que a ideia de parentesco linguístico foi elucubrada, e além disso, foi de extrema relevância, pois trouxe também a noção de desenvolvimento paralelo: a ideia de que possam ter existido outras línguas, ou estágios das línguas que já tenham desaparecido sem deixar registros. Ele foi o

---

<sup>3</sup> Original: “The Sanskrit language, whatever be its antiquity, is of a wonderful structure; more perfect than the Greek, more copious than the Latin, and more exquisitely refined than either, yet bearing to both of them a stronger affinity, both in the roots of verbs and in the forms of grammar, than could possibly have been produced by accident; so strong indeed, that no philologist could examine them all three, without believing them to have sprung from some common source, which, perhaps, no longer exists:”



primeiro a desenvolver a ideia de que se duas línguas possuem uma origem comum, e, portanto, fazem parte de uma mesma família linguística. Além disso, Jones também explicou sobre o conceito de protolíngua sem efetivamente usar a palavra ao dizer que as três línguas surgiram de uma quarta língua, mais antiga, mas que era o ancestral comum entre essas línguas. Estes conceitos de protolíngua e parentesco linguístico, ambos estão correlacionados ao fato de que todas as línguas estão sempre em constante mudança, e que estas mudanças ocorrem de maneira sistemática. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 6 e 7)

Entretanto, com exceção de alguns casos únicos, não existe registro desse processo de separação de uma protolíngua em suas diversas línguas filhas. Conforme ilustrado por Crowley e Bower (2010, p. 7 a 19), é praticamente impossível estipular quando essa separação ocorreu, porém é possível teorizar sobre o porquê destas línguas terem se diferenciado. Há três principais razões para as línguas se divergirem: distanciamento, pressão e adaptação. O primeiro e mais importante deles é o distanciamento: um grupo de pessoas que habitam uma mesma área e falam a mesma língua, por qualquer razão que seja, se distanciam e passam a habitar uma outra região que impossibilita o contato frequente vai, aos poucos, direcionamento o que antes era uma mesma língua para dois caminhos diferentes. Dado o tempo suficiente, que varia de acordo com cada situação, o que um dia foi a mesma língua passa a ser incompreensível para os falantes da outra região, e, portanto, poderíamos dizer que foram formados dois novos dialetos ou línguas (filhas), porém que ainda compartilham de um ancestral comum. De forma semelhante e aliadas à ideia de distanciamento, podem existir necessidades de adaptação (novas tecnologias, sobrevivência, contato com outros povos), ou pressões tanto naturais quanto sociais (inclusive de colonizadores) que dirigiriam a língua a seguir um certo caminho de mudanças.

No entanto, na maioria dos casos, devido ao próprio curso natural da história e desenvolvimento das civilizações humanas, são poucos os registros disponíveis das versões antigas das línguas. Por esta razão, os linguistas não têm fácil acesso a estes dados e necessitam quase sempre dar a sua melhor estimativa na reconstrução de uma palavra e tentar “desfazer” ou “retrodizer” as mudanças que ocorreram na língua em questão até a sua forma atual (moderna) para descobrir quais teriam sido as prováveis formas originais. Para isto, utiliza-se das formas mais antigas conhecidas — portanto, mais confiáveis possíveis — das línguas em questão como ponto de

partida para, então, compreender quais as mudanças de sons que foram as mais prováveis de terem ocorrido de acordo com os dados disponíveis e teorizar ou uma forma mais antiga de uma mesma língua, ou uma protolíngua entre duas ou mais línguas filhas. As reconstruções propostas devem sempre vir acompanhadas do símbolo \*, o qual representa uma reconstrução linguística; ou em outras palavras, vocábulos teorizados que não possuem ou não são possíveis de obter registro auditivo ou escrito para confirmar sua forma e pronúncia exatas no momento de sua existência (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 78 e 79).

Entretanto, para que o processo de reconstrução de uma determinada palavra represente a melhor estimativa possível dentro dos dados disponíveis das línguas em questão, é preciso seguir um conjunto de regras e passos pré-estabelecidos pela linguística histórica conhecido como “método comparativo”, além de compreender quais são os principais tipos de “mudanças fonéticas” mais comuns de se concretizarem dentro dos inventários fonológicos das línguas em análise. Portanto, a seguir iremos discorrer a respeito das regras e funcionamento do método comparativo, e as mudanças fonéticas mais relevantes para o entendimento da reconstrução da protolíngua nipo-coreana, de acordo com o âmbito da linguística histórica.

## **2.2 Mudanças Fonéticas**

Quando se fala a respeito do método comparativo dentro da linguística histórica, é extremamente comum simplesmente assumir sem questionar a regularidade das mudanças fonéticas — base essencial e indispensável de acordo com a linguística histórica para a definição científica de parentesco linguístico. (BUBENIK; LURAGHI, 2010, p.39) No entanto, um fenômeno tão universal não poderia ser simplesmente definido pelo acaso, e a resposta para isto não é tão complexa quanto pode parecer. O inventário fonológico de uma língua não é composto por um emaranhado aleatório de sons, como às vezes pode parecer, mas sim um sistema fechado e coerente onde cada som ou conjunto de sons tem o seu devido papel e valor. Um inventário fonológico de uma língua, assim como a própria língua *per se* é um sistema fechado com pares ou grupos contrastantes evidentes, o que confere à análise uma certa previsibilidade e portanto, maior confiabilidade na descrição e presunção da reconstrução dos sons.(BUBENIK; LURAGHI, 2010, p.40) Afinal, os sons de uma língua continuam mudando e se readaptando buscando sempre o balanço ideal entre

a maior eficiência: um alto número de sons distintos dentro da língua para ser compreendido da forma mais clara e menos ambígua possível; e o menor esforço: a diminuição na quantidade de distinções de sons, buscando o menor esforço físico e articulatorio possível. (BUBENIK; LURAGHI, 2010, p.10).

O fato de as línguas mudarem e se adaptarem com passar do tempo, já é um fator conhecido por muitos, porém, o que pode ser surpreendente para alguns é que as mais diversas línguas tendem a variar de maneiras intrigantemente semelhantes a nível sonoro. Portanto, é muito mais comum encontrar exemplos de mudanças de um determinado som, nas mais diversas línguas, para outro que compartilhe alguma característica fonética articulatória inata<sup>4</sup>, como o ponto ou modo de articulação, como por exemplo um som [p] mudar para um [w], [b], [f] ou [v] — do que encontrar exemplos onde um som [p] tenha sofrido mudanças para um som como [l] ou [a] que não possuem quaisquer proximidades articulatórias com o som original. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 24).

É importante ressaltar que existem dois tipos principais de mudanças fonéticas: as mudanças regulares e as esporádicas. As mudanças esporádicas são conhecidas por afetar somente alguns vocábulos específicos, e, portanto, não são possíveis de serem aplicadas nas demais palavras e nem de prever quais palavras serão afetadas. Em contrapartida, as mudanças regulares geralmente ocorrem de forma uniforme pela língua, desde que as circunstâncias para tais mudanças cumpram com os requisitos fonéticos observados. Em outras palavras, dizer que uma mudança fonética é regular implica em dizer que esta mudança ocorre sempre que o(s) som(ns) que sofre(m) esta alteração são encontrados dentro dos ambientes observados e condições preestabelecidas. Sempre que possível, deve-se tentar buscar por mudanças regulares, mudanças essas que são a base para a aplicação do método comparativo e definição de parentesco linguístico dentro da linguística histórica; também conhecido como o “princípio da regularidade”, embora na realidade os dados nem sempre se apresentem em distribuição tão regular. (CAMPBELL, 1999, p. 17)

Mudanças fonéticas normalmente também são classificadas de acordo com a sua natureza condicionada ou incondicionada. Quando uma mudança ocorre sem

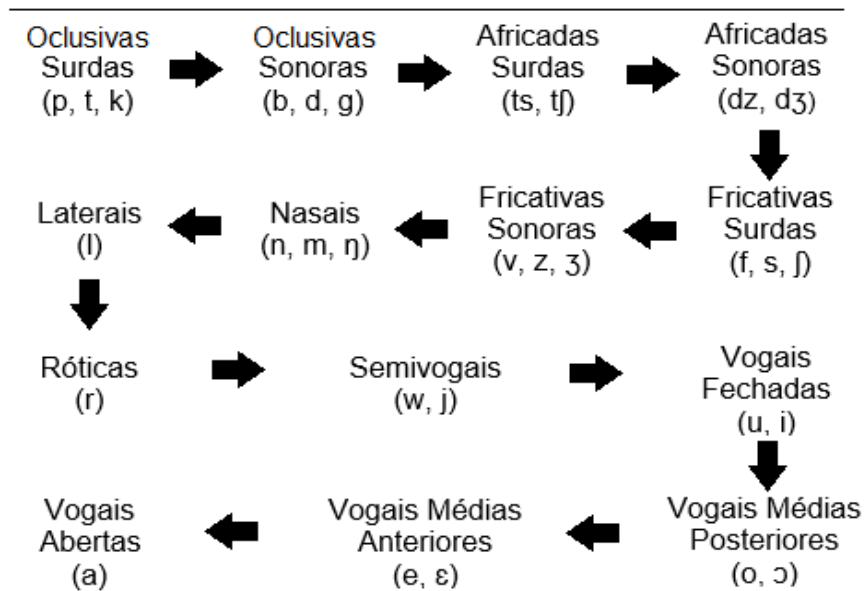
---

<sup>4</sup> As consoantes possuem três traços articulatórios básicos que as definem assim como as diferenciam dos demais sons, sendo estes: o modo de articulação, ponto de articulação e a sonoridade. No caso das vogais, os três traços articulatórios básicos são definidos como: altura, posição e arredondamento. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 24)

muitas restrições e independente (sem sofrer influências) dos sons vizinhos, esta é considerada uma mudança incondicionada. Mudanças incondicionadas modificam os sons em todos os contextos em que aparecem, independente de quaisquer outros sons encontrados ao seu redor. Quando esta mudança ocorre somente em contextos específicos, ou seja, dependente da influência dos sons vizinhos, ou da sua posição dentro da palavra, ou por aspectos de circunstância gramatical, é considerada uma mudança condicionada. Mudanças condicionadas, por sua vez, são mais restritas e afetam somente os sons em contextos particulares e nunca em outros ambientes fora do descrito. (CAMPBELL, 1999, p. 18)

Tendo isso em mente, discutiremos a respeito dos principais tipos de mudanças fonéticas mais comuns a seguir:

**Lenição:** De acordo com Crowley e Bower (2010, p. 24), lenição é o processo de enfraquecimento de um determinado som e juntamente com a assimilação é uma das mudanças fonéticas mais comuns de se encontrar nas línguas. Dentro da linguística, diferente do que se espera a partir de dedução pelo senso comum, enfraquecimento de um fone representa o processo de mudança de um som menos sonoro (forte) para o um som mais sonoro (fraco). Sendo assim, podemos ordenar os tipos de sons de mais fortes para mais fracos conforme abaixo<sup>5</sup>:



Adaptado de: Crowley e Bower (2010, p. 24)

<sup>5</sup> Para mais informações a respeito dos símbolos e classificações dos sons de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), conferir o Anexo 1.

Por ser uma das mudanças de sons mais comuns nas línguas, existem diversas subcategorias da lenição como a: *fricatização* ou *espirantização* — enfraquecimento de uma consoante oclusiva<sup>6</sup> ou africada<sup>7</sup> para uma consoante fricativa; *abaixamento vocálico* — enfraquecimento de uma vogal fechada para uma mais aberta; *sonorização* — enfraquecimento de um som surdo para um som sonoro, extremamente comum em ambiente intervocálico; *rotacismo* — a mudança de um som [s] ou [z] para uma consoante rótica (r); *debucaлизация* — mudança de ponto de articulação e subsequente enfraquecimento de uma consoante, normalmente fricativa, em posição oral (bucal) para laringal ou glotal, normalmente [h] ou [ʔ]; *nasalização* — mudança de uma consoante oral para uma consoante nasal. (CAMPBELL, 1999, p. 36 a 42) (O'BRIEN, 2012, p. 1)

**Fortiçãõ:** É o processo oposto ao da lenição, e, portanto, corresponde ao fortalecimento de um determinado som, modificando-se de um som mais sonoro (fraco) para um som menos sonoro (forte), ou seja, que ocorre na direção contrária à mostrada no quadro anterior. É um processo um pouco menos comum de se ocorrer nas línguas. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 25)

**Supressãõ:** Este é um tipo comum de mudança onde ocorre a supressão, ou perda de um ou mais sons. Este processo pode ser compreendido como um caso extremo de lenição, onde o mais enfraquecido que um som pode se tornar é a sua total inexistência. A supressão pode ser subdividida em mais três principais subgêneros baseados na posição dentro da palavra do som que foi perdido. Primeiramente, quando a porção inicial de um vocábulo é perdida esse fenômeno é conhecido como *aférese*. Em seguida, temos o fenômeno da *síncope*: quando há a perda de sons posicionados no interior ou meio das palavras. Este fenômeno é bastante conhecido por facilitar o surgimento de encontros consonantais em línguas onde esta não é uma característica comum ao desaparecerem vogais em posição internas. Por último, temos a supressão dos segmentos finais das palavras, o mais comum dentre os tipos de supressão e é conhecido por *apócope*. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 26 a 28)

---

<sup>6</sup> Outra nomenclatura para as consoantes plosivas. Para mais informações consultar o Anexo 1.

<sup>7</sup> Sons consonantais compostos pela realização conjunta de um som oclusivo (plosivo) e um som fricativo. Para mais informações consultar o Anexo 1.

**Inserção:** É o fenômeno contrário à supressão, ou seja, a adição de novos sons às palavras. Este, também, se subdivide em três categorias, baseadas na posição onde essa adição ocorre. A adição de fones do início de uma palavra é conhecida como *prótese*; já o processo de adição de um ou mais sons do meio de uma palavra é chamado de *epêntese*, análogo ao visto anteriormente nos fenômenos de supressão, mas este é conhecido por quebrar encontros consonantais ao inserir uma vogal entre as consoantes. Por fim, temos a *paragoge*, ou o acréscimo de um fone, normalmente uma vogal, ao final de uma palavra. (CAMPBELL, 1999, p. 33 a 35)

**Assimilação:** É o tipo mais comum de mudança sonora. Envolve a mudança de um fone através da assimilação ou associação das características de outro fone adjacente ou próximo, em posição anterior ou posterior, tornando-os mais similares foneticamente. Antes de continuarmos com a definição, é preciso compreender linguisticamente o que são similaridades fonéticas: dois sons podem ser descritos como mais similares entre si depois de ocorrida uma mudança fonética se estes possuem mais características fonéticas (classificação e descrição dos sons)<sup>8</sup> semelhantes do que possuíam anteriormente. Em outras palavras, se a mudança de um fonema acarreta o aumento de características compartilhadas entre estes sons, podemos dizer que ocorreu uma mudança através da assimilação. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 36 e 37)

Para ilustrar melhor este fenômeno vamos analisar o seguinte encontro consonantal: [np] em uma palavra qualquer. Toda consoante possui, no mínimo, três características que as definem foneticamente como as consoantes que são:

	[n]	[p]
Modo de Articulação	Nasal	Oclusivo
Ponto de Articulação	Alveolar	Bilabial
Sonoridade	Sonora	Surda

Adaptado de: Crowley e Bower (2010, p. 37)

<sup>8</sup> Para mais informações a respeito da classificação e descrição dos traços articulatorios de cada som, conferir o Anexo 1.

A assimilação poderá ocorrer tanto na direção [n] → [p], quanto na direção contrária [n] ← [p]. No entanto, suponhamos que a alteração ocorrerá na direção de [n] ← [p]. Nós poderíamos assimilar uma, duas — assimilação parcial — ou todas as características — assimilação completa, também conhecida como *geminção*, pois, ao assimilar todas as características os sons tornam-se idênticos: [np] → [pp]. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 37 a 38)

Dentro do cenário da assimilação parcial, nós teríamos seis combinações possíveis para cada direção do processo de assimilação. Mantendo a direção escolhida de [n] ← [p] há três cenários possíveis de assimilação de somente uma característica: [np] → [dp] — a assimilação do modo de articulação oclusivo; [np] → [mp] — a assimilação do ponto de articulação bilabial; [np] → [ŋp] — ou a assimilação da ausência de sonoridade. Além destes, ainda existem três combinações possíveis para a assimilação de duas características: [np] → [bp] — assimilação dos modo de articulação oclusivo e ponto de articulação bilabial; [np] → [tp] — assimilação dos modo de articulação oclusivo e ausência de sonoridade; [np] → [ŋp] — ou, por fim, assimilação dos ponto de articulação bilabial e ausência de sonoridade. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 37 a 38)

Estes mesmos processos podem ocorrer também com vogais, ao assimilarem seus traços articulatórios de abertura (fechada, semifechada, semiaberta ou aberta); posição (anterior, central ou posterior) e arredondamento (arredondada e não-arredondada)<sup>9</sup>.

Por ser um tipo de mudança fonética muito comum, existem algumas subcategorias importantes de se ressaltar dentro do fenômeno da assimilação:

A *palatalização* normalmente acontece com um fone que possui o ponto de articulação principal não palatal (podendo ser labial, dental, alveolar, etc.) e que se encontra posicionado antes ou após uma vogal [i] ou uma semivogal [j]. A presença destas vogais ou semivogais anteriores (realização próxima ao palato) influencia este som, dando-lhe uma característica secundária palatalizada (CAMPBELL, 1999, p. 39). Um exemplo bastante comum deste tipo de assimilação encontra-se no alofone de /d/ em língua portuguesa. O fonema /d/ é realizado como [d] antes de qualquer vogal,

---

<sup>9</sup> Para mais informações a respeito da classificação e descrição dos traços articulatórios de cada som, conferir o Anexo 1.

exceto a vogal [i], pois sofre palatalização e passa a ser pronunciado como [dʒ] em algumas variantes do português (ex: dia → [ˈdʒiɐ]).

Já a *velarização* é um processo análogo, porém sob influência de sons posteriores como a vogal [u] e a semivogal [w] (pronunciados próximos ao véu palatino) que estimulam um som adjacente primariamente não velar a assumir uma característica secundária velarizada (BRITANNICA, 1998). Um exemplo em língua portuguesa seria a gradual mudança da pronúncia da palavra “mal”, até há algumas gerações atrás era predominantemente pronunciada como [maɫ], mas que passou a ser majoritariamente realizada como [maw].

Há ainda um processo de assimilação interessante conhecido por *ensurdecimento final*, onde consoantes sonoras, normalmente oclusivas ou fricativas em posição final, passam por um processo de ensurdecimento para se igualarem ao silêncio que se seguirá depois do fim de uma palavra. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 42)

Por fim, temos os processos de harmonização vocálica e harmonização nasal. Apesar de ter sido citado muito brevemente nos parágrafos anteriores a respeito da assimilação poder ocorrer sob influência de sons adjacentes ou próximos, os principais casos citados continham exemplos de sons posicionados imediatamente em seguida ou imediatamente antes do som que sofreria a mudança — chamada de assimilação imediata. Entretanto, na harmonização vocálica, é possível encontrar exemplos de assimilação por distância, onde um som altera outro som ou sons que se encontram em outra posição que não imediatamente adjacente a este dentro da palavra. Sendo assim, *harmonização vocálica* é o processo de assimilação de uma ou mais características de uma vogal por algumas ou todas as vogais dentro da mesma palavra. Por sua vez, *harmonização nasal*, é o fenômeno onde a presença de um som nasal influencia as vogais ou consoantes adjacentes a tornarem-se nasalizadas (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 42 e 43). Este é um fenômeno comum em língua portuguesa, por exemplo no vocábulo para “cama” → [ˈkẽmɐ] , onde, devido a presença do som [m] a vogal anterior muda para a sua variante nasal.

**Dissimilação:** Depois de compreender os processos de assimilação será bastante simples entender como funciona a dissimilação. Enquanto a assimilação aumenta a quantidade de traços em comum entre sons adjacentes ou próximos, a dissimilação diminui o número de características em comum entre esses sons. Por



mais que sejam mais comuns os casos de assimilação, com o intuito, normalmente de facilitar a pronúncia de uma determinada sequência de sons dentro de uma certa palavra, ocasionalmente estes sons são demasiado semelhantes que, ao contrário, acabam dificultando a sua pronúncia sequenciada. Este é, por exemplo, o princípio por trás da confusão gerada no momento de elocução de trava-línguas. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 43 e 44)

**Metátese:** Um fenômeno de incidência esporádica, portanto raro de ocorrer como uma mudança regular. Consiste-se na troca de posição de dois fones dentro de uma palavra (CAMPBELL, 1999, p. 37). Um exemplo dentro da língua japonesa moderna é a variação de pronúncia da palavra 雰囲気 (fun'iki), significando “atmosfera” ou “ambiente” no sentido coloquial, que ora é realizada como [ɸʌnikʲi], ora realizada como [ɸʌiŋkʲi] — intercambiando a posição dos fonemas /n/ e /i/.

**Fusão:** A fusão fonética é um tipo de mudança sonora relativamente frequente que funde dois sons que originalmente existiam separadamente. Ou seja, quando dois sons são fusionados em um só, parte dos traços de um dos fones e parte dos traços do outro fone são recombinados para formar um terceiro fone diferente de ambos, porém com características articulatórias semelhantes a ambos (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 33 e 34). Podemos utilizar uma palavra da língua portuguesa para ilustrar melhor este processo: “também” → [tẽbẽj], onde o som de /a/ e o som de /m/ se fundiram em um único som que compartilha características com ambos [ẽ], mantendo os traços vocálicos de /a/ e o traço nasal de /m/.

Além do exemplo acima de *nasalização* em fusão, existem mais duas outras subcategorias que são importantes de se salientar. Primeiramente, existe um tipo de fusão conhecido como *alongamento compensatório*, onde um som, normalmente consonantal, é perdido, e, para “compensar” esta perda, a vogal anterior torna-se uma vogal longa. Pode parecer um pouco diferente do conceito inicial de fusão, porém, se compreendermos o conceito de espaço fonêmico como uns dos traços inerentes aos sons, podemos considerar este um fenômeno da fusão. Cada fonema possui, além dos diversos outros traços já citados, o seu espaço fonêmico — que aqui significa o real espaço “físico” que este som ocupa dentro da palavra. Se considerarmos esta uma característica inerente ao som, podemos dizer que todas as outras características articulatórias foram perdidas, menos o seu espaço, que foi incorporado através do alongamento da vogal anterior, pois este novo som agora ocupa dois espaços

fonêmicos (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 35). Um exemplo bastante comum desta mudança é encontrado na diferença dialetal de pronúncia do /R/ em algumas variantes da língua inglesa. Ao analisarmos, por exemplo a palavra em inglês para o verbo “ser” no passado plural “were”, onde algumas localidades ainda pronunciam o som do /r/, como por exemplo [wɛr], enquanto em outros locais o som de /r/ em final de sílaba foi perdido e “compensado” através do alongamento da vogal /ə/ como em [wɛ:].

A segunda subcategoria da fusão, também razoavelmente comum, é mais conhecida por *monotongação*. Neste tipo de fusão, um ditongo — conjunto de sons vocálicos formado por uma vogal e uma semivogal, tanto em posição *on-glide* como *off-glide*<sup>10</sup> — é perdido e fusionado em um único som vocálico. (CAMPBELL, 1999, p. 40)

**Fissão:** Aqui, nós temos o processo inverso a fusão, conhecido como fissão fonética. Ou seja, uma mudança onde um único som original é dividido em dois outros sons diferentes, porém com traços semelhantes ao original. Assim como o exemplo de nasalização de fusão utilizado anteriormente, podemos encontrar exemplos de línguas que fizeram o processo inverso. Isto é bastante comum em empréstimos linguísticos onde na língua provedora<sup>11</sup> existem vogais nasais, como no português ou no francês, e, por não existir tal arcabouço vocálico na língua que sofrerá o empréstimo, as vogais nasais são divididas em um som vocálico mais uma consoante nasal. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 35 e 36)

Por fim, análogo à monotongação dentro dos processos fusionais, existe a *ditongação*, ou *quebra vocálica* dentro dos processos fissionais. Este processo acontece quando uma única vogal é dividida e transforma-se em dois sons: a vogal original mais algum tipo de *glide* (semivogal), podendo também ser tanto em posição *on-glide*, como *off-glide* (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 36). Se observarmos novamente o exemplo utilizado em fusão fonética da palavra “também” → [tẽbẽj], é possível encontrar, além de dois exemplos de nasalização fusional, um exemplo de ditongação: A vogal /e/, além do processo de fusão com o /m/, decompõe-se na própria vogal /e/ mais a semivogal /i/.

<sup>10</sup> *On-glide*: ditongo de semivogal + vogal. *Off-glide*: ditongo de vogal + semivogal. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 36)

<sup>11</sup> Língua provedora: língua de onde ocorre o processo de empréstimo linguístico.

Listados acima encontram-se os principais tipos de mudanças fonéticas mais comuns nas línguas do mundo. Apesar de não ser possível analisarmos todos os tipos existentes, os aqui presentes serão suficientes para compreender melhor o funcionamento do método comparativo, e subsequente análise de alguns cognatos propostos entre a línguas japonesa e coreana.

### **2.3 Método Comparativo**

Dentro da linguística histórica, mesmo que não existam registros manuscritos ou auditivos de uma determinada língua ou protolíngua, normalmente é possível “desfazer” as mudanças fonéticas para se “reconstruir” alguns dos aspectos da língua mãe através dos reflexos que podem ser observados nas línguas filhas por meio do método comparativo. Este método consiste na comparação e correspondência de sons de formas cognatas em duas ou mais línguas aparentadas ou que pareçam ser aparentadas para se analisar e compreender que tipo de mudanças fonéticas podem ter ocorrido, para então estipular como provavelmente deverá ter sido a sua forma original de onde ambas podem ter sido derivadas (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 78).

Para fazer esta reconstrução, primeiramente, é preciso encontrar os cognatos — forma linguística historicamente derivada da mesma fonte ou língua; que possuem origem comum (CRYSTAL, 2011, p.83) — dentro do léxico das línguas analisadas. Para encontrar cognatos, é preciso buscar palavras que pareçam ter uma origem em comum, fonética com características semelhantes e significado idêntico ou análogo. Se estas palavras são semelhantes o suficiente para se supor que estas provêm de uma mesma origem, podemos considerá-las cognatas (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 81). Entretanto, é preciso cuidado ao analisar estas palavras, pois para o método comparativo ser efetivo é preciso comparar somente os verdadeiros cognatos — palavras que são relacionadas nas línguas filhas através da sua ancestralidade comum por meio de uma protolíngua — ou seja, empréstimos linguísticos, ou meras coincidências casuais devem ser evitadas. Com o intuito de melhorar as chances de não analisarmos casos de falsos cognatos, costuma-se escolher palavras básicas, palavras que possuem maiores chances das línguas possuírem nativamente, e portanto mais resistentes a empréstimos, como: partes do corpo humano, palavras de

parentesco imediato, números pequenos e termos geográficos básicos utilizados para descrever a natureza ao redor. (CAMPBELL, 1999, p. 112 e 113)

Para facilitar a compreensão acerca do funcionamento do método, utilizarei de exemplos menos complexos do que os presentes na comparação das línguas japonesa e coreana. Sendo assim, utilizarei uma lista de vocábulos de línguas polinésias, das quais escolherei três línguas: Tonganês, Samoano e Havaiano. E dentre os vocábulos disponíveis, também com o intuito de facilitar a compreensão, escolherei os correspondentes a “orvalho” e “mar” em língua portuguesa (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 80). Sendo assim, temos:

Português	Tonganês	Samoano	Havaiano
“orvalho”	[hau]	[sau]	[hau]
“mar”	[tahi]	[tai]	[kai]

Adaptado de: Crowley e Bower (2010, p. 80)

Podemos constatar que as palavras correspondentes a “orvalho” e “mar” em tonganês, samoano e havaiano possuem estruturas e significados evidentemente análogos, e, portanto, constituem cognatos aptos para comparação.

Após encontrar os cognatos, o próximo passo é trabalhar com a correspondência de sons. Ao analisar os cognatos encontrados, é necessário separar quais sons permaneceram os mesmos, e quais parecem ter sofrido mudanças, mas ainda sim aparentam ter descendido de um mesmo fonema. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 82).

Ao analisarmos os cognatos da tabela acima, podemos estabelecer as seguintes correlações de sons:

Português	Tonganês	Samoano	Havaiano
“orvalho”	/h/	/s/	/h/
	/a/	/a/	/a/
	/u/	/u/	/u/

"mar"	/t/	/t/	/k/
	/a/	/a/	/a/
	/h/	∅	∅
	/i/	/i/	/i/

Adaptado de: Crowley e Bower (2010, p. 83)

É possível constatar que todas as vogais: /a/, /i/ e /u/, neste caso em específico, mantiveram-se as mesmas em todas as línguas. No entanto, ao analisarmos as consoantes é possível notar que onde ocorre /h/ em tonganês e havaiano, este ocorre como /s/ em samoano. De forma semelhante, onde ocorre /t/ em tonganês e samoano, este ocorre como /k/ em havaiano. E por último, onde ocorre /h/ em tonganês há correspondências nulas, representado por: "∅" em samoano e havaiano.

Depois de identificadas todas as correspondências de sons possíveis disponíveis no grupo de dados podemos dar início ao próximo passo: os princípios de reconstrução dos sons, os quais consistem em determinar qual som na protolíngua entre as línguas analisadas poderia ter gerado o arcabouço de sons encontrados nas diversas variantes de suas línguas filhas e teorizar a sua recriação. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 85) A primeira hipótese deve partir sempre do pressuposto de que cada grupo de correspondências de sons é reconstruído para um único fonema original. E para poder se estabelecer estes fonemas primários, é importante ter mente os seguintes preceitos gerais:

1. Qualquer reconstrução deve envolver mudanças de sons plausíveis, a menos que existam boas evidências que sustentem o contrário. Esta deve guiar-se pelos tipos de mudanças de sons mais comuns nas línguas, vistos no tópico anterior. (Princípio da naturalidade)
2. Qualquer reconstrução deve envolver o menor número de mudanças quanto possível entre a protolíngua e as línguas filhas. (Princípio do menor esforço).
3. Reconstruções tendem a preencher espaços incompletos no inventário fonológico a criar um sistema desbalanceado. (Princípio do balanceamento)
4. Deve-se evitar reconstruir um fonema novo (não encontrado nos dados) em uma protolíngua a menos que demonstrado ser absolutamente necessário pelo

reflexo apresentado em suas línguas filhas. (Princípio da não reconstrução de fonemas)

(CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 85, 87 e 91)

Observando novamente os dados no quadro exemplo, é bem mais simples reconstruir os sons que permaneceram os mesmos em todas as línguas filhas em questão. Sendo assim, o mais provável é que a reconstrução destes sons na protolíngua entre tonganês, samoano e havaiano seja o mesmo encontrado atualmente. Veja o quadro a seguir:

Tonganês : Samoano : Havaiano	Protolíngua
a : a : a	/*a/
i : i : i	/*i/
u : u : u	/*u/

Adaptado de: Crowley e Bower (2010, p. 92)

Em seguida, é preciso analisar os sons que contêm alguma diferença entre as línguas em questão e tentar reconstruir o protofonema mais plausível diante as evidências apresentadas. No caso dos exemplos que vimos utilizando temos a seguinte configuração:

Tonganês : Samoano : Havaiano	Protolíngua
h : s : h	/*s/
t : t : k	/*t/
h : ø : ø	/*h/

Adaptado de: Crowley e Bower (2010, p. 92)

Começando a análise pela distribuição de < t : t : k >, de acordo com os preceitos que acabamos de estipular, é muito mais provável, através do princípio do menor esforço, que em uma língua (havaiano) o /t/ tenha se tornado /k/, do que tentar explicar o porquê de duas línguas (tonganês e samoano) terem transformado um /k/ em /t/, e ainda por cima explicar por que a mesma transformação teria ocorrido da

mesma maneira nas duas línguas. Portanto, para o conjunto < t : t : k > reconstruímos o protofonema /\*t/.

Em seguida analisaremos o conjunto < h : ø : ø >: Por estarmos lidando com a ausência de sons em duas línguas (samoano e havaiano) e a existência ou persistência de um som em uma língua (tonganês), também de acordo com o princípio do menor esforço, é bem mais simples explicar como duas línguas perderam a distinção deste som do que demonstrar como uma língua passaria a utilizar este som. Além disso, também podemos utilizar aqui o princípio da naturalidade, uma vez que a perda de um som glotal como o /h/ é um fenômeno bastante conhecido pelos linguístas, e muito mais comum em diversas línguas pelo mundo do que a adição de um som glotal em ambiente intervocálico (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 89 e 90). Portanto, para o conjunto < h : ø : ø > reconstituímos o protofonema /\*h/.

Por fim, temos a distribuição de < h : s : h >. Uma análise descuidada nos levaria a estipular, através do princípio do menor esforço, o protofonema /\*h/ pela sua maior incidência entre as três línguas. No entanto, ao fazermos isso, estaríamos criando um problema ainda maior ao ter que explicar a reconstrução de dois fonemas /\*h/ em situações distintas e como em alguns casos este desapareceria completamente do inventário das línguas filha; como em outros casos ele permaneceria intacto; e como este tornar-se-ia um /s/ em ambiente específico em samoano ao invés de desaparecer. Sendo assim, seguindo o princípio da não reconstrução de novos fonemas, a próxima melhor alternativa é reconstruir o conjunto como /\*s/. Ademais, ao analisarmos a mudança de /\*s/ → /h/ em tonganês e havaiano poderemos observar um processo de mudança fonética muito mais comum de ocorrer nas línguas do que o inverso: a lenição, ou mais especificamente a debucalização — processo de mudança de ponto de articulação e subsequente enfraquecimento de uma consoante em posição bucal para laringal ou glotal (O'BRIEN, 2012, p. 1). Portanto, para o conjunto < h : s : h > reconstituímos o protofonema /\*s/.

Além dos preceitos ilustrados acima pelos exemplos retirados das línguas polinésias, é preciso esclarecer com mais detalhes a respeito do princípio do balanceamento. Este princípio estipula que é muito mais comum encontrar línguas com inventários fonéticos bem balanceados a inventários desbalanceados. Em outras palavras, seria muito mais lógico reconstruir um inventário de uma protolíngua onde os sons estão pareados — ao encontrar duas vogais posteriores arredondadas (ex.

/o/ e /u/) espera-se encontrar duas vogais anteriores não-arredondadas (ex.: /e/ e /i/) (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 87) — conforme o exemplo abaixo:

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	/i/		/u/
Semifechada	/e/		/o/
Aberta		/a/	

Adaptado de: Crowley e Bowerm (2010, p. 88)

E seria bem menos esperado encontrar um inventário fonético desbalanceado, com duas vogais anteriores, porém somente, por exemplo, com uma vogal posterior, conforme o exemplo abaixo:

	Anterior	Central	Posterior
Fechada	/i/		—
Semifechada	/e/		/o/
Aberta		/a/	

Adaptado de: Crowley e Bowerm (2010, p. 88)

Até o momento descrevemos o funcionamento de diversas mudanças de sons incondicionadas, ou seja, que não dependiam dos sons ao seu redor, podendo ser usados independentemente em todos os dados disponíveis. No entanto, além dos quatro preceitos postulados anteriormente, ainda existem mais dois a serem analisados quando lidamos com reconstruções que envolvem mudanças de sons condicionadas. Segundo Crowley e Bowerm (2010, p.97) podemos estipular os seguintes preceitos complementares abaixo:

5. Deve-se procurar por correspondências de sons que envolvam sons foneticamente semelhantes. (Princípio da similaridade)
6. Confirmar a possibilidade das correspondências de sons suspeitas, na realidade, encontram-se em distribuição complementar. (Princípio da distribuição complementar)



Para compreendermos melhor o funcionamento destes preceitos apresento mais dois pares de cognatos nas línguas tonganesa e samoana para análise abaixo:

Português	Tonganês	Samoano
“mulher”	[fetine]	[fafine]
“feliz”	[fiefia]	[fiafia]

Adaptado de: Crowley e Bower (2010, p. 95)

Já é de acordo comum, que as vogais das línguas polinésias analisadas mantiveram-se as mesmas, e por isso pudemos reconstruir os protofonemas /\*a/, /\*i/, /\*u/, e devido ao número maior de dados apresentados pelos autores que não foram utilizados neste trabalho, também é possível postular /\*e/ e /\*o/<sup>12</sup> (CROWLEY; BOWERN, 2010, p.80, 83 e 92). Entretanto, ao analisarmos com atenção os dados apresentados acima é possível perceber que há duas ocorrências de /e/ em tonganês que aparecem como /a/ em samoano. Se fossemos tentar reconstruir um novo fonema para este caso em particular, de acordo com o princípio da similaridade, teríamos que postular um fone que não fosse /a/ ou /e/ mas que fosse articulatoriamente próximo aos dois fones. O som vocálico mais próximo de cumprir esses requisitos seria o /ɛ/<sup>13</sup>. No entanto, ao reconstruir /\*ɛ/ como um fonema na protolíngua, estaríamos quebrando o princípio da não reconstrução de fonemas, e, ao examinar melhor os demais dados destas línguas<sup>1</sup> fica evidente que nenhuma das línguas polinésias fazem distinção entre os fones /e/ e /ɛ/ em nenhum ambiente, e portanto uma reconstrução onde /\*ɛ/ é um protofonema torna-se cada vez menos crível e mais improvável. (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 94 e 95)

Diante do exposto, nos resta somente aplicar o princípio da distribuição complementar e verificar se estes sons se encontram ou não em cenário contudente com a variação livre. Ainda de acordo com Crowley e Bower (2010, p. 99 e 100), para verificar a distribuição complementar, é necessário conhecer todos os ambientes que podem condicionar esta mudança:

<sup>12</sup> Para mais informações, conferir tabela de cognatos e reconstruções de sons originais dos autores disponíveis nos Anexos 2 e 3.

<sup>13</sup> Para mais informações, conferir tabela do Alfabeto Fonético Internacional (IPA) disponível no Anexo 1.

- A. A natureza e características do som ou sons seguintes;
- B. A natureza e características do som ou sons anteriores;
- C. A natureza e qualidade da sílaba; (ex.: tônica, átona, aberta, fechada)
- D. A sua posição dentro da palavra; (ex.: inicial, média, final)
- E. Qualquer combinação destes fatores.

Ao observar os cognatos em questão, é possível notar que /e/ em tonganês ocorre somente quando se encontra na terceira sílaba de trás para frente (posição de proparoxítona) desde que a sílaba seguinte (posição de paroxítona) contenha uma vogal anterior fechada não-arredondada /i/. Ou seja, podemos dizer que a existência deste /e/ em tonganês depende da sua posição silábica e da existência de um /i/ na sílaba posterior, e portanto encontra-se em distribuição complementar e constitui um alofone de /a/, podendo-se postular a seguinte fórmula para o tonganês (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 96):

$$a \rightarrow \{ e / \_ C i C V$$

A fórmula acima lê-se: /a/ ocorre em distribuição complementar ({} ) como /e/ desde que em ambiente de (/) posição ( \_ ) anterior a uma sílaba que contenha a vogal /i/ (Ci), que por sua vez também encontra-se anterior a mais outra sílaba qualquer (CV).

Tendo em mente esses preceitos e seguindo os passos descritos neste tópico, poderemos analisar com mais precisão os cognatos postulados por Francis-Ratte (2016) e os cognatos rejeitados por Vovin (2010) e previamente postulados por Whitman (1985) no capítulo seguinte.

## 2.4 Inventário Fonológico

Conforme citado anteriormente, para a reconstrução de uma protolíngua, utiliza-se as formas mais antigas e confiáveis conhecidas das línguas em questão, uma vez que quanto mais antiga, mais próximo do momento de cisão entre as duas (ou mais) línguas analisadas e a suposta protolíngua. No caso deste trabalho os registros escritos mais antigos e confiáveis conhecidos datam do Japonês Antigo (JA),

por volta do século VIII; e do Coreano Médio (CM), do século XV. (FRANCIS-RATTE, 2016, p. 1 e 2)

Para melhor compreender as reconstruções e mudanças fonéticas propostas apresento nos tópicos a seguir o inventário fonológico das variantes do Japonês Antigo e Coreano Médio.

### 2.4.1 Japonês Antigo

Por japonês antigo entende-se a língua escrita da variante do Japão Central durante o período histórico Nara (710 - 794 D.C.), baseada nos escritos contidos nas obras do *Kojiki* (712 D.C.), *Nihon shoki* (720 D.C.) e *Man'yōshū* (759 D.C.). Uma das principais características do japonês antigo, de acordo com Bentley (2012, p. 189 e 190) é a presença de oito sons vocálicos distintos — posteriormente demonstrado por Miyake (2003) na realidade serem sete vogais e um ditongo — compreendidos conforme a tabela abaixo:

i	i	u
	(əi)	
e	ə	o
	a	

(BENTLEY, 2012, p. 191)

Ainda dentro do período de existência do japonês antigo, acredita-se que seis dessas vogais tenham fusionado, resultando em três vogais (cinco no total). As alterações propostas ocorreram da seguinte maneira: /i/ e /i/ → /i/; /ə/ e /o/ → /o/; /əi/ e /e/ → /e/. Acredita-se também que a vogal /u/ desta época era realizada de forma muito mais arredondada [u] do que é pronunciada atualmente [ɯ]. (BENTLEY, 2012, p. 190 e 191).

Com relação às consoantes, o japonês antigo possuía 13 fonemas, sendo que, diferentemente do contraste esperado entre surda e sonora, havia um contraste da versão surda com uma versão pré-nasalizada, conforme mostra a tabela abaixo:

	Labial	Dental	Palatal	Velar
Oclusiva	p <sup>m</sup> b	t <sup>n</sup> d		k <sup>ŋ</sup> g
Fricativa		s <sup>n</sup> z		
Nasal	m	n		
<i>Flap</i>		r		
Aproximante	w		j	

(BENTLEY, 2012, p. 191)

De acordo com o mesmo autor, nesta época ainda pareciam não haver o alofone de /s/ ([ç]), ou africadas, ou a série de /h/ ([h],[ϕ],[ç]).

#### 2.4.2 Coreano Médio

O coreano médio, neste caso específico, o coreano médio tardio é compreendido como os textos escritos do século XV e XVI, mais especificamente desde a promulgação pelo Rei Sejong da dinastia coreana Joseon do *Hunmin Jeong'eum* — estabelecimento da escrita coreana *hangeul* — em 1446 D.C., até a invasão japonesa à península em 1592 D.C. (SOHN, 2012, p. 73)

Ainda de acordo com Sohn (2012, p.81), a língua coreana do século XV possuía a distinção de sete vogais, conforme descrito abaixo:

i	i —	u ⊥
	ə †	o ⊥
	a †	ʌ ·

(SOHN, 2012, p. 81)

Ainda de acordo com o mesmo autor, o coreano médio parecia apresentar uma harmonização vocálica bastante restrita, pois classificava as suas vogais entre vogais *yang* “claras” (a, ʌ, o), vogais *ying* “escuras” (u, i, ə) e uma vogal neutra (i); sendo que vogais *yang* só ocorriam junto de outras vogais *yang* ou a vogal neutra e, analogamente, as vogais *ying* só ocorriam junto de outras vogais *ying* ou a vogal neutra. A vogal /ʌ/ representada pelo símbolo “·”, provavelmente era pronunciada

entre as vogais /a/ e /o/, pois ela ainda sobrevive no dialeto moderno de Jeju. Nos demais dialetos esta parece ter sido substituída por /a/ quando na primeira sílaba de uma palavra, e /i/ nos demais ambientes.

Abaixo encontram-se os 26 fonemas consonantais do coreano médio, de acordos com os registros daquela época:

		Labial	Dental	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	Suave	p	t	ts	k	(ʔ)
		ㅍ	ㅌ	ㅈ	ㅋ	ㅇ
	Aspirada	p <sup>h</sup>	t <sup>h</sup>	ts <sup>h</sup>	k <sup>h</sup>	
		ㅍ	ㅌ	ㅈ	ㅋ	
	Tensionada	(p)	(t)	(ts)	(k)	
		ㅍ	ㅌ	ㅈ	ㅋ	
Fricativa	Suave	(β)	s (z)		x	(h)
		ㅍ	ㅌ ㅈ		ㅋ	ㅇ
	Tensionada		(s)		(x)	
			ㅌ		ㅋ	
Nasal		m	n		ŋ	
Lateral			l <sup>14</sup>		o	
			ㄹ			
Aproximante		w		j		

Adaptado de: Sohn (2012, p. 78)

Não existe consenso entre os estudiosos sobre o número exato de fonemas consonantais no coreano médio, porém devido aos fatores apresentados abaixo, este número poderia ser reduzido para até 16 fonemas (SOHN, 2012, p. 79 e 80).

/p/ /t/ /ts/ /k/ e /s/: A diferenciação entre as consoantes tensionadas com relação às demais parecia ainda estar se desenvolvendo na língua, pois suas ocorrências eram extremamente raras, e normalmente, eram resultantes das influências de outras consoantes dentro da palavra.

/ʔ/: Este som também tinha distribuição extremamente rara, e muitos linguistas concordam que este não constitui um fonema. Dentro do próprio texto que introduz a escrita coreana: *Hunmin Jeong'eum* indica que /ʔ/ + vogal em posição inicial é

<sup>14</sup> Em ambiente intervocálico este som era realizado com um flap /r/, e como /l/ nos demais ambientes (antes de consoantes e final de sílaba) (Francis-Ratte, 2016, p. 28)

semelhante a realização da própria vogal por si só. Além disso, diferente dos demais sons, o próprio texto não traz exemplos de ocorrências, ilustrando a utilização deste som.

*/z/*: Este fone tem uma ocorrência peculiar, pois geralmente ocorre quando cercado por dois outros sons sonoros. Este som persistiu somente até o final do século XVI e foi majoritariamente apagado, ou minoritariamente substituído por */s/*.

*/β/ /x̣/ e /h/*: Devido às suas distribuições limitadas dentro do coreano médio, estes sons desapareceram entre meados do século XV e início do século XVI. */β/*, semelhante ao */z/*, ocorria sempre entre fones sonoros e não podia aparecer em posição inicial na palavra. Em alguns dialetos foi substituído por */p/*, enquanto em outros por */w/*. O som */x̣/* tinha uma ocorrência extremamente baixa, e por fim, foi substituído na maioria dos casos por */kʰ/*. Por sua vez, */h/* foi completamente anulado ou ocasionalmente substituído por */k/*.

## 2.5 Histórico de Comparações Nipo-Coreanas

É evidente que as línguas coreana e japonesa possuem estruturas bastante similares, o suficiente para normalmente ser possível fazer uma tradução direta, palavra por palavra entre ambas as línguas (VOVIN, 2010, p. 3). E, por essa razão, estudiosos que buscam tentar explicar e provar esta semelhança como sendo um parentesco comum entre as duas línguas existem datados desde mais de um século atrás (FRANCIS-RATTE, 2016, p.12).

No entanto, enquanto alguns notáveis estudos, baseados na apresentação de mais de 300 comparações lexicais, tentam provar esta ancestralidade — sendo os mais destacados deles, Martin (1966) e Whitman (1985 e 2012) — alguns consideram que estas semelhanças sejam puramente tipológicas, e que, no geral, as reconstruções propostas falharam em convencer a comunidade científica a respeito do seu parentesco (VOVIN, 2010, p.3) — sendo o mais notável deles, o próprio Vovin (2010). (FRANCIS-RATTE, 2016, p.12).

Neste cenário, surge a pesquisa de Francis-Ratte (2016), propondo a apresentação de 500 cognatos entre as línguas coreana e japonesa. Dentre estas comparações lexicais encontram-se reavaliações de vocábulos propostos por outros autores, vocábulos rejeitados por Vovin (2010) e a proposição de novos cognatos. (FRANCIS-RATTE, 2016, p.12)

### **3. Metodologia de Pesquisa**

Como já descrito anteriormente, o presente trabalho tem como objetivo analisar as reconstruções propostas por alguns dos principais autores que corroboram e que rejeitam a hipótese da língua ancestral proto nipo-coreano. Por isso, para a realização desta pesquisa, foi escolhido o método de pesquisa ou revisão bibliográfica, uma vez que este trabalho se propôs a reexaminar, em busca de uma reinterpretação complementar, os materiais compilados por diversos autores e conferir a sua plausibilidade de acordo com os métodos comparativos e mudanças fonéticas da linguística histórica.

#### **3.1 Revisão Bibliográfica**

Para Gil (2002) a vantagem de se realizar uma pesquisa utilizando-se do método de análise e revisão bibliográfica é que este permite ao pesquisador a possibilidade de analisar uma ampla quantidade de fenômenos, principalmente quando os dados estão dispersos em várias fontes diferentes. O autor ressalta ainda que ela é indispensável em estudos de caráter histórico ou naqueles onde “não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos”.

Ainda de acordo com Gil (2002), toda pesquisa científica “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”. Gil (2002) também diz que existem tipos de pesquisas que necessitam ser exclusivamente baseadas em fontes bibliográficas – pesquisas estas que propõem uma análise das diversas posições acerca de um determinado tema ou assunto.

De acordo com Raupp e Beuren (2006) “o material consultado na pesquisa bibliográfica abrange todo o referencial já tornado público em relação ao tema do estudo”. Através destes referenciais é possível reunir o conhecimento a respeito do tema e elaborar um trabalho monográfico com uma perspectiva histórica ou com o intuito de reunir diversas publicações isoladas e atribuir-lhes uma nova leitura. Para estes autores, os trabalhos bibliográficos “são importantes no sentido de procurar formular novas teorias ou mesmo buscar elucidar teorias já existentes”.

Por fim, a pesquisa bibliográfica, segundo Marconi e Lakatos (2003), é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados na área e com relevância acadêmica, por serem capazes de fornecer dados atuais e pertinentes relacionados ao tema em questão. E é baseado nestes fatores que o presente trabalho busca utilizar dos dados compilados por diversos autores que tratam a respeito da hipótese da protolíngua entre as línguas japonesa e coreana.

### **3.2 Dados**

Foi escolhido analisar alguns cognatos hipotetizados de alguns dos principais autores a respeito da hipótese da protolíngua nipo-coreana, onde foram comparadas as visões desses autores na possível reconstrução desta protolíngua. (Francis-Ratte, 2016) (Whitman, 1985), como também a visão de uns seus principais opositores (Vovin, 2010).

Devido ao limite de dimensão, característica monográfica e tempo disponível para este trabalho; além da imparcialidade e facilidade de delimitação foram analisados somente os dados que se iniciam com a letra “A” do alfabeto na tese do Francis-Ratte (2016, p. 175 a 185) e suas correspondências na análise de Vovin (2010). Como os trabalhos originais foram escritos em língua inglesa, as correspondências seguem devidamente numeradas de 1 a 21 respectivamente, juntamente com a sua devida tradução para o português, seguindo a ordem alfabética propostas pelos autores a seguir: ABANDONS; ABOVE; ACCOMPLISHES; ACCUSATIVE; ACT OF MAKING; ADDS; (ADJECTIVIZER); AGE; AGES; ALL; AMPLE; APPROACHES; AQUATIC BIRD; ARM; ARRIVES; ASIDE; ASSEMBLED; ASSEMBLES (PLEIADES); ATTAINS; AVOIDS; AWAITS IT.



## 4. Análise

### 4.1 Análise e Discussão dos Dados

Conforme citado no capítulo anterior de metodologia de pesquisa, foram comparados os dados e reconstruções de 21 itens lexicais que se iniciam com a letra “A” do alfabeto na tese de Francis-Ratte (2016) e suas correspondências na obra de Vovin (2010).

A seguir, encontra-se a análise e reanálise de cada um desses itens, conforme a proposta desta pesquisa, na ordem alfabética original em língua inglesa com a suas devidas traduções para o português.

**1 - Abandonar (ABANDONS):** Vovin (2010, p.185) rejeita a reconstrução de Whitman (1985): CM: /siti-/ /siri-/ (encher, carregar, colocar dentro) ~ JA: /sute-/ (jogar fora, descartar) devido a diversas razões, porém várias destas relacionadas a distância de significado entre as duas palavras, portanto não considerando-as se quer cognatas. Francis-Ratte (2016 p. 175) sugere a comparação do JA: /sute-/ (jogar fora, descartar) com outro vocábulo do CM: /sti-/ (retirar, remover parte de um todo), reconstruindo pJC: /\*situ-/ através do arredondamento da vogal para o pJ: /\*sutu-/.

A nova proposição de Francis-Ratte para a análise possui significados muito mais semelhantes e, portanto, devem constituir cognatos. Além disso, o processo de arredondamento da vogal parece ser uma razão provável para explicar a mudança da vogal.

**2 - Acima (ABOVE):** Vovin (2010, p.229) rejeita a reconstrução de Whitman (1985): CM: /ux/ (acima) ~ JA: /upej/ /upa-/ (acima) sendo a construção de /u/ + /pa/ (local), e portanto pJC: /\*u/; pois segundo o autor, não há muitas evidências da utilização de /pa/ significando “local”, além de não encontrar outras formações onde /u/ apareça com o significado de “acima” no JA. Francis-Ratte (2016 p. 175) sugere a comparação de CM: /ux/ (acima) não somente com JA: /upej/ (acima), mas também com JA: /uk-/ (flutuar). Ele reafirma que [pej] parece assumir a função de locativo, pois também ocorre em JA: /təkəsipej/ (pela eternidade), composto de /təkə/ (eterno, duradouro), /si/ (clítico adjetival) e /pej/ (local). Devido a possibilidade de JA: /uk-/

(flutuar) possuir conexão etimológica com a palavra “acima”, existe evidência para a reconstrução de pJC: /\*u/. O autor ainda traz mais uma evidência para fomentar sua hipótese ao analisar o vocábulo JA: /maju/ (sobrancelha), que parece ter incorporado a palavra do JA: /ma-/ /mej/ < pJ /\*maj/ (olho) o que indica que JA: /maju/ (sobrancelha) é provavelmente composto da junção de pJ: /\*maj/ + /\*u/ “olho” e “acima”.

Devido a carga de evidências apresentadas por Francis-Ratte para sustentar a possível existência de /\*u/ como “acima” em JA, e as suas altas proximidades semânticas, a reconstrução de pJC: /\*u/ pode ser aceita como plausível.

**3 - Lograr (ACCOMPLISHES):** Vovin (2010, p.166) rejeita a reconstrução de Whitman (1985) entre CM: /tsir-/ (acertar o alvo, atravessar) ~ JA: /təŋge/ (completar, realizar) principalmente por problema de interpretação no significado dos vocábulos analisados. De acordo com o autor, CM: /tsiri-/ na realidade significa “cortar fora”, “pegar um atalho” ou “morrer prematuramente”; e portanto rejeita-os devido a grande distância semântica entre os dois vocábulos. Francis-Ratte (2016 p. 176) reanalisa esse dois vocábulos através dos seus “verdadeiros” significados: CM: /tsiri-/ (pegar um atalho, cortar caminho, ir direto) e JA: /toŋge/ (lograr, completar, alcançar, realizar) propondo a reconstrução pJC: /\*tsərki-/ (lograr, realizar, alcançar) através da mudança: pJC: /\*tsərki-/ > /\*tərkə-/ > /\*təŋkə-/ (mudança de coda de /\*r/ para /\*ŋ/) > JA: /təŋge/. O autor ainda afirma que o conceito de “atalho, cortar caminho, ir direto” não está semanticamente distante do conceito de “chegar ou alcançar algum lugar” > “alcançar, lograr”.

Apesar da explicação do autor a respeito da possível conexão semântica, a chance desde vocábulos não possuírem uma origem comum ainda parece alta. Além de que, não foi explicado como o coreano perderia o som de /k/ desde o pJC até o CM.

**4 - Acusativo (ACCUSATIVE):** Francis-Ratte (2016 p. 176) reconstrói a marcação do acusativo: CM: /-(r)əl/ /-(r)il/ (marcador do acusativo) ~ JA: /-wə/ (acusativo enfático) para pJC: /\*-wə. Com a presença do /\*ə/ final em pCJ /\*wə/ é possível dizer que este som em pC sofreria apócope da vogal, restando somente /\*w/. Posteriormente, através da inserção de uma vogal mínima, a posposição do acusativo em pC tornaria-se /\*-əw/ depois de consoantes e /\*-w/ depois de vogais. O /\*w/ em

posição final seria, então, substituído por /\*l/ até o CM. pC: /\*nal-wə/ (dla-acusativo) > /\*nal-(ə)w/ > /\*nal-(ə)l/ > CM: /nal-əl/.

A variação de uma forma gramatical através da inserção de uma vogal e tendo sua distribuição decidida pela finalização da palavra que a precede (vogal ou consoante) é um fenômeno bastante comum na língua coreana, e a reconstrução de /\*we/ e subsequente perda da vogal e transformação de /\*w/ para /\*l/ parece bastante factível.

**5 - Ato de fazer (ACT OF MAKING):** Vovin (2010, p.167 e 168) rejeita a reconstrução de Whitman (1985) envolvendo CM: /-tsil/ (sufixo: ato de fazer) ~ JA: /-sirə/ (sufixo: objeto usado para fazer algo). Vovin aponta que estes sufixos são usados com propósitos completamente diferentes do que o apresentado. Para este autor, JA: /-sirə/ na realidade é usado como um sufixo de “substituição”, “algo utilizado no lugar de ou como se fosse outro objeto”. Sendo assim, esses vocábulos não poderiam ser cognatos. Francis-Ratte (2016 p. 177) concorda com a divergência semântica apontada por Vovin (2010), no entanto o autor aponta que “fazer” pode ter tanto o sentido de “realizar uma ação”, quanto o sentido causativo de “fazer algo se tornar-se outra coisa (produzir)”. Sendo assim, ele reconstrói o sufixo em pJC: /\*tsiri/ (fazer ou produzir algo com um objeto).

As mudanças propostas parecem foneticamente plausíveis, e o fato dos dois serem usados como sufixos e com sentidos semelhantes aumenta as chances desta ser uma reconstrução verdadeira.

**6 - Adicionar (ADDS):** Vovin (2010, p.144) rejeita a reconstrução de Whitman (1985) envolvendo CM: /kop/ (dobro, aumentar em dobro) ~ JA: /kupape/ (adicionar). De acordo com o autor CM: /kop/ possui um /p/ que não pode passar por lenição e, portanto, a reconstrução em pC seria /konpo-/, que por sua vez não corresponde a /-p-/ em JA. Francis-Ratte (2016 p. 177 e 178) rejeita a reconstrução de Vovin (2010) em que CM /p/ torna-se pC: /np/. Ele explica que JA: /kupape/ (adicionar) é a incorporação de /kup/ e JA: /ape/ (fazer algo encontrar, juntar), e por isso reconstrói pJC: /\*kop-/ (aumentar, acrescentar numericamente). O autor ainda ressalta a

fossilização<sup>15</sup> do som CM: /kop/ dentro dos vocábulos numerais “7” /nilkup/ e “9” /axop/, números estes não múltiplos de 2 indica que o sentido original de CM: /kop/ provavelmente não era “aumentar em dobro”, e este conceito deve ter sido trago através da introdução do caractere chinês para “dobro” 倍.

As mudanças propostas por Francis-Ratte parecem foneticamente possíveis, e, portanto, aceita-se a reconstrução de pJC: /\*kop-/ (acrescentar numericamente).

**7 - Adjetivizador (ADJECTIVIZER):** Francis-Ratte (2016 p. 178) propõe a reconstrução de CM: /-k-/ (sufixo adjetivizador em nomes) e JA: /-ka/ (sufixo de posse em nomes), portanto pJC: /\*-k-/ (sufixo adjetivizador em nomes) + pJC: /\*-a/ (desverbalizador).

Apesar das mudanças serem foneticamente possíveis, a distância semântica e uso dos dois sufixos, o fato de serem compostos de um único som, que, portanto, aumentando a possibilidade de semelhança por casualidade, e a falta de mais informações a respeito fazem questionar a validade desta reconstrução.

**8 - Idade (AGE):** Francis-Ratte (2016 p. 178) reconstrói os seguintes vocábulos CM: /səl/ (ano, idade) ~ JA: /sa'da/ (era, período de tempo, tempo) para pJC: /\*sənta/.

Apesar da semelhança semântica, não há explicações sobre como o seguimento /\*-nt/ tornaria-se /-l/ em CM, e sobre a perda da vogal /\*a/. Mesmo que uma explicação semelhante à encontrada em “3 - Lograr (ACCOMPLISHES)” para a mudança da coda e subsequente lenização fosse utilizada, ainda assim parece uma mudança improvável.

**9 - Era (AGES):** Francis-Ratte (2016 p. 178) reconstrói, baseado em Martin (1966), o pJC: /\*muk-/ (era, antiguidade) através da comparação de CM: /muk-/ (ser velho, antigo) e JA: /mukasi/ (há muito tempo atrás). O autor explica que o conjunto de /\*-a-si/ é utilizado para derivar raízes verbais em adjetivos, entretanto, uma vez que adjetivos são morfologicamente idênticos a nominais caracterizadores, é compreensível interpretar /\*-a-si/ como inicialmente derivador de nominais de característica,, qualidade, que depois transformou-se para adjetivos puros. Portanto,

---

<sup>15</sup> O enrijecimento de uma unidade lexical dentro de algum vocábulo, preservando a sua história e composição.

pJ: /\*muk-/ (envelhecer) > /\*muk-a/ (envelhecido) > /\*muka-si/ (característica de ter envelhecido) > (há muito tempo atrás).

A partir da explicação do autor do processo derivacional da palavra em JA: /mukasi/ obtemos a raiz /\*muk-/ que permanece inalterada em CM, e possuem semântica semelhante, tornando a reconstrução ainda mais provável, portanto configurando-se uma reconstrução válida.

**10 - Tudo (ALL):** Vovin (2010, p.199) rejeita a reconstrução de Whitman (1985) entre CM: /miris/ (no geral, tudo) e JA: /mərə/ (todo, vários), pois a palavra em coreano só aparece muito mais tarde em reimpressões de textos no século XVII e XVIII, e o texto original da época do coreano médio (século XV) parece não possuir esta ocorrência. Além disso, ele critica a explicação de Whitman (1985) que coloca o surgimento de /-s/ na palavra em coreano como um nominalizador ao dizer que, apesar da existência do nominalizador /-s/ ser real, este liga-se somente a verbos, e não existe um verbo /miri/ com um sentido próximo ao proposto. Francis-Ratte (2016 p. 179) propõe a comparação de JA: /mərə/ (todo, vários) com o CM: /milyijs/ (no geral). CM: /milyijs/ é atestado como 凡 (geral) e 諸 (todos) com frequência no textos do século XV, e a presença do nominalizador /-s/ é explicada através de CM: /milyijs/ < pré-CM: /\*mil-xəj-s/ onde o nome /\*miri/ foi acrescido do verbo “fazer” /xəj/ + o nominalizador /-s/. Portanto reconstrói-se pJC: /\*miri/ (todo).

Conseguiu-se contornar o problema apontado por Vovin (2010) utilizando uma palavra de provável mesma origem e com a adição do verbo “fazer” — forma bastante comum de verbalizar nomes — que por sua vez explica a existência do nominalizador /-s/. Portanto considera-se pJC: /\*miri/ (todo) uma reconstrução plausível.

**11 - Abundante (AMPLE):** Francis-Ratte (2016 p. 179) propõe uma atualização a proposta de Martin (1966) entre CM: /nɬk-nɬk-xə/ (abundante, cheio), /nɬjx/ /nɬk/ (quatro) e JA: /nəkər-/ (restar, sobrar), /nəkəs-/ (deixar para trás), com a reconstrução pJC: /nekə-/ (abundante, em grande número). De acordo com o autor, JA: /nəkər-/ e /nəkəs-/ apontam para o pJ: /\*nəkə-/ (restar). CM: /nɬk-nɬk-xə/ é uma reduplicação de /nɬk/ (quatro) utilizado aqui com o sentido de “grande número”, “abundância”.

É compreensível e, portanto, plausível a mudança semântica de “abundância” para “restar”, “sobrar”, além de foneticamente factível. Por isso aprova-se a reconstrução de pJC: /nekə-/ (abundante, em grande número).

**12 - Aproximar (APPROACHES):** Francis-Ratte (2016 p. 179 a 182) reanaliza o CM: /njə-/ /njəl/ (ir e vir) e JA: /jər/ (aproximar, ir e vir) e /jəs-/ (se aproximar, trazer para perto) propondo pJC: /\*jə-/ (ir para). Existem poucas evidências de /njə-/, porém o autor diz que /njəl/ deve ser considerada uma forma estendida da anterior, pois existe o composto em CM: /njərə-o/ (partir, vir) onde /-ə-/ pode ser interpretado como a marca do infinitivo e /o/ o verbo “vir”, portanto /njəl/ seria uma raiz do verbo. Para explicar a mudança de pJC: /\*jə-/ > pC: /\*jə-/ > CM: /njəl/ o autor apresenta uma resegmentação, /njəl/ é composto de /ni/ (ir) + /jə/ (se aproximar) e /l/ (aspecto progressivo), onde posteriormente /ni/ teria se transformado no prefixo verbal /i/. Ao analisarmos o JA: /jər/ e /jəs-/, podemos chegar a raiz em comum /jə/ (se aproximar).

Apesar da complexidade desta análise, e reconstrução parece possível, principalmente pelo fato de verbos como “ir” e “vir” serem verbos altamente voláteis de gramaticalizáveis dentro das línguas.

**13 - Ave Aquática (AQUATIC BIRD):** Vovin (2010, p. 231) rejeita a reconstrução de Whitman (1985) pJC: /\*o/ (ave aquática) através do CM: /olxi/ (pato) e JA: /u/ (cormorão), pois semanticamente não se consegue comparar “pato” com “cormorão”. Francis-Ratte (2016 p. 183) introduz mais dois vocábulos em CM: /okwari/ (garça-real) e o próprio “cormorão” /kamaoti/ para comparação atestando que todos eles contêm a som /\*-o-/ para aves aquáticas.

A existência de um nome genérico para um grupo de animais semelhantes, como o caso das aves aquáticas é possível, mas também bastante conveniente, pois a reconstrução contém um único som, também ampliando as chances de ser apenas coincidência. É preciso reanalisar os vocábulos coreanos para certificar-se de que o som /o/ presente nas palavras em coreano realmente teria vindo através do pJC: /\*o/ (ave aquática).

**14 - Braço (ARM):** Vovin (2010, p. 101) rejeita a reconstrução de Whitman (1985) de pJC: /\*pidu/ (braço) entre CM: /pəlx/ (braço) ~ JA: /pi'ndi/ (cotovelo) por falta

de concordância semântica e a falta de uma explicação convincente para a correspondência de /-l-/ em CM para /-nd-/ em JA. Francis-Ratte (2016 p. 183) propõe a reconstrução para pJC: /\*pentonj/ (braço).

Parece bastante improvável que a palavra /\*pentonj/ significando “braço” possa tornar-se JA: /pi<sup>ndi</sup>/ “cotovelo”. Além de que não existem outros argumentos que sustentem a reconstrução de /\*-nt-/ para /-lx/ em CM.

**15 - Chegar (ARRIVES):** Vovin (2010, p. 217) rejeita a reconstrução de Whitman (1985): CM: /niril/ (contar, informar) ~ JA: /nər-/ (informar, declarar), pJC: /\*nirər-/ pois o autor acredita que Whitman tenha errado o significado de /niril/, que deveria ser “chegar”, “alcançar” ao confundir com a forma /niri-/ /nirə-/ que significa “dizer”, “contar”. Portanto, Francis-Ratte (2016 p. 183) propõe a análise de CM: /niril/ (chegar) ~ JA: /itar/ (chegar) para pJC: /\*ita-/ , sendo que CM: /niril/ > pC: /\*nitir-/ > /\*ni/ (ir) + /\*ita-/ + /\*-Vr- (aspecto contínuo).

A partir de explicação proposta pelo autor, pelo fato da transformação de /-t/ para /-r/ ser comum na língua coreana e a similaridade com o dado 12 - Aproximar (APPROACHES), considera-se a reconstrução como válida.

**16 - Ao lado (ASIDE):** Vovin (2010, p. 151) rejeita a reconstrução de Whitman (1985): CM: /kjəth/ (lado) ~ JA: /kata/ (único, um lado) pois considera a palavra /kata/ em japonês no sentido de *katamichi* (somente ida, único caminho) como um empréstimo da palavra moderna coreana para o numeral 1 /hana/, CM: /xata-/. Francis-Ratte (2016 p. 184) propõe então a análise de CM: /kjəth/ (lado, adjacente) com outra palavra JA: /keta/ (coluna, viga, lado), portanto pJC: /\*keta/ (ao lado). O autor ainda propõe a possibilidade de /kita/ (norte) poder ser uma derivação de /keta/ através do alçamento vocálico.

A semelhança semântica e as mudanças fonéticas propostas são coerentes, portanto, aceita-se a reconstrução pJC: /\*keta/.

**17 - Junto (ASSEMBLED):** Francis-Ratte (2016 p. 184) reconstrói pJC: /\*muti/ (junto, próximo) através de CM: /mot/ e /mut/ (juntar, montar) e JA: mutu<sup>mbwi</sup> (ser perto, amigável), /mutu-gətə/ (palavras amigáveis).

Devido a proximidade semântica de “juntar”, “montar” para “junto”, “próximo”, e mudanças fonéticas plausíveis considera-se a reconstrução do pJC: /\*muti/.

**18 - Aglomerado: Plêiades (ASSEMBLES: PLEIADES):** Francis-Ratte (2016 p. 184) propõe CM: /tsəmsaŋi/ (plêiades) ~ JA: /sumbaru/ (plêiades) e /sumar/ (aglomerado) < pJC: /\*tsom-/ (aglomerado). O autor ainda segmenta a palavra CM: /tsəmsaŋi/ (plêiades) em /tsəm/ (aglomerado de estrelas, plêiades) e /saŋi/ sendo um empréstimo em chinês para “estrela” 星.

Por plêiades ser um aglomerado de estrelas, semanticamente não há problemas com esta análise. As mudanças fonéticas também são factíveis, portanto, reconstrói-se pJC: /\*tsom-/ (aglomerado).

**19 - Obter (ATTAINS):** Francis-Ratte (2016 p. 185) reconstrói pJC: /\*tsuka/ (obter, alcançar) através de CM: /tsʰə/ (ficar cheio) e JA: /tuk/ (alcançar, chegar).

Além de semanticamente distantes, não há explicação a respeito da perda do som /\*-k-/ em CM. Portanto, rejeita-se esta análise.

**20 - Evitar (AVOIDS):** Francis-Ratte (2016 p. 185) reconstrói pJC: /\*səka-/ (evitar) através de CM: /skij-/ (rejeitar, evitar, indesejável) e JA: /sake-/ (evitar).

É necessária uma análise mais profunda para explicar o apagamento ou mudança dos sons vocálicos dentro desta comparação, principalmente para explicar a mudança até o CM: /skij-/.

**21 - Aguardar (AWAITS IT):** Vovin (2010, p. 190) reconhece que a reconstrução fonética de CM: /mats-/ (ir conhecer, receber alguém) ~ JA: /mat-/ (esperar) para pJC: /\*mats-/ (esperar) de Whitman (1985) é plausível, mas rejeita por considerar os significados não análogos. Francis-Ratte (2016 p. 185) propõe a reconstrução como pJC: /\*matu-/ através de CM: /mats-/ (ir conhecer, receber alguém) e /mʌtsʰu/ (hesitar, parar) e JA: /mat-/ (esperar). O autor acrescenta que CM: /mʌtsʰu/ (hesitar, parar) pode ser compreendido como /mʌts/ (parar) + /hu/ (causativo), portanto “fazer parar”, mostrando que “parar por alguém, esperar” deve ser o sentido original em coreano.

As reconstruções foneticamente são plausíveis, e, depois da explicação do autor, semanticamente esta reconstrução também é possível.



## **5. Considerações Finais**

O trabalho de reconstrução de uma língua é extremamente extenso, sistemático e exaustivo, pois, como já citado anteriormente, não há registros da ancestralidade da maioria dessas línguas, é preciso uma análise macroscópica da língua e ao mesmo tempo bastante microscópica ao ter que praticamente de forma individual analisar cada dado disponível na língua com o intuito de propor a melhor reconstrução possível através do método de comparação de mudanças dos sons.

Em outras palavras, este trabalho não afirma categoricamente sobre a existência de parentesco entre as línguas japonesa e coreana, uma vez que este também não configura objetivo de uma pesquisa desta dimensão. Ao analisar uma pequena parte dos cognatos hipotetizados, pudemos observar e concluir que enquanto algumas comparações parecem bastante legítimas, outras ainda não se apresentam de forma tão convincente. Se for comprovado que estas duas línguas possuem um passado em comum, é bastante provável que essa ruptura seja extremamente antiga, e quanto mais antiga mais complicado é de teorizar sobre o parentesco; o que, por sua vez, significa que muito trabalho extenso e minucioso, buscando as fontes originais de dados nas línguas ainda é necessário para chegarmos mais perto de veredito final sobre a possível ancestralidade entre estas duas línguas.

### **5.1 Contribuições da pesquisa**

Apesar da impossibilidade de uma resposta categórica a respeito, considero que este trabalho é de extrema importância para a busca e possível explicação da origem e identidade dos povos japonês e coreano, e também, a nível acadêmico, importante para a universidade e o curso de letras, pois os estudos nesta área são escassos, principalmente pelo fato de que o conhecimento desta área da linguística não ser obrigatório para a formação dos profissionais de letras. Espero que este trabalho seja útil para futuras pesquisas relacionadas ao tema em questão, ou a linguística histórica em geral, e que talvez possa ser usado como base para uma pesquisa mais profunda e enriquecedora no mestrado ou doutorado.

## Referências Bibliográficas

- BENTLEY, John R. **Old Japanese**. In: *The Languages of Japan and Korea*. 1ª ed. - Nova Iorque: Routledge, 2012.
- BRITANNICA, The Editors of. **Historical Linguistics**. Encyclopaedia Britannica, 1998. Disponível em: <<https://www.britannica.com/science/historical-linguistics>>. Acesso em: 17/05/2019.
- BRITANNICA, The Editors of. **Velarization**. Encyclopaedia Britannica, 1998. Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/velarization>>. Acesso em: 17/06/2019.
- CAMPBELL, Lyle. **Historical Linguistics: An Introduction**. 1ª ed. - Cambridge: MIT Press, 1999.
- CRYSTAL, David. **Dictionary of Linguistics and Phonetics**. 6ª ed. - Malden: Blackwell Publishing, 2011.
- CROWLEY, Terry; BOWERN, Claire. **An Introduction to Historical Linguistics**. 4ª ed. - Nova Iorque: Oxford University Press, 2010.
- FRANCIS-RATTE, Alexander Takenobu. **Proto-Korean-Japanese: A New Reconstruction of the Common Origin of the Japanese and Korean Languages** - Columbus: The Ohio State University, 2016.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- JONES, Sir William. **On Hindus**, 1786. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B3Qloi8VGruDbkgwaVpWcUNod1k/view>>. Acesso em: 17/06/2019.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- O'BRIEN, J. P. **An experimental approach to debuccalization and supplementary gestures** - Santa Cruz: UC Santa Cruz, 2012.
- RAUPP, F.M.; BEUREN, I.M. **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. In: *Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais*. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

- SHIBATANI, Masayoshi. **Japanese Language**. Encyclopaedia Britannica, 1999.  
Disponível em: <<https://www.britannica.com/topic/Japanese-language>>. Acesso em:  
17/05/2019.
- SHIBATANI, Masayoshi. **The Languages of Japan** - Cambridge: Cambridge  
University Press, 1990.
- SOHN, Ho-min. **Middle Korean**. *In: The Languages of Japan and Korea*. 1ª ed. -  
Nova Iorque: Routledge, 2012.
- TRANter, Nicolas. **Introduction: Typology and Area in Japan and Korea**. *In: The  
Languages of Japan and Korea*. 1ª ed. - Nova Iorque: Routledge, 2012.
- VOVIN, Alexander. **Koreo-Japonica: A Re-evaluation of a Common Genetic  
Origin** - Havaí: University of Hawai'i Press, 2010.
- WHITMAN, John. **The Relationship between Japanese and Korean**. *In: The  
Languages of Japan and Korea*. 1ª ed. - Nova Iorque: Routledge, 2012.
- WHITMAN, John. **The Phonological Basis for the Comparison of Japanese and  
Korean** - Cambridge: Harvard University, 1985.

## Anexos

### Anexo 1

#### O ALFABETO FONÉTICO INTERNACIONAL (revisado até 2019)

CONSOANTES (PULMÔNICAS)

© 2019 IPA

	Bilabial	Labiodental	Dental	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexo	Palatal	Velar	Uvular	Faringal	Glotal
Plosiva	p b			t d		ʈ ɖ	c ɟ	k ɡ	q ɢ		ʔ
Nasal	m	ɱ		n		ɳ	ɲ	ŋ	ɴ		
Vibrante				r					ʀ		
Tap ou flap		ɸ		ɾ		ɽ					
Fricativa	ɸ β	f v	θ ð	s z	ʃ ʒ	ʂ ʐ	ç ʝ	x ɣ	χ ʁ	ħ ʕ	h ɦ
Fricativa lateral				ɬ ɮ							
Aproximante		ʋ		ɹ		ɻ	j	ɰ			
Aproximante lateral				l		ɭ	ʎ	ʟ			

Os símbolos à direita de uma célula são vozeados, à esquerda são não vozeados. Áreas sombreadas denotam articulações julgadas como impossíveis.

CONSOANTES (NÃO PULMÔNICAS)

Cliques	Implosivas vozeadas	Ejetivas
◌ Bilabial	ɓ Bilabial	ʼ Exemplos:
Dental	ɗ Alveolodental	p' Bilabial
! (Pós-)alveolar	ɟ Palatal	t' Alveolodental
≠ Palatoalveolar	ɠ Velar	k' Velar
Lateral alveolar	ɣ Uvular	s' Fricativa alveolar

OUTROS SÍMBOLOS

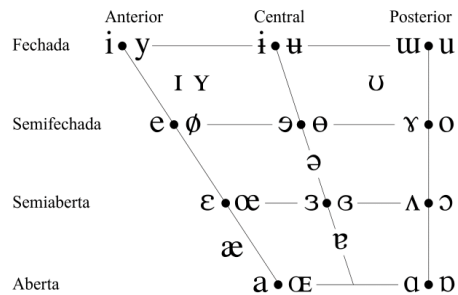
ʍ Fricativa labiovelar não vozeada	ɕ ʑ Fricativas alveolopalatais
ʋ Aproximante labiovelar vozeada	ɺ Flap alveololateral vozeado
ɥ Aproximante labiopalatal vozeada	ɥ Simultâneo ʃ e x
ʜ Fricativa epiglotal não vozeada	Africadas e articulações duplas podem ser representadas por dois símbolos unidos por uma ligatura se necessário.
ʕ Fricativa epiglotal vozeada	
ʡ Plosiva epiglotal	

DIACRÍTICOS

◌ Não vozeado	◌̚ ◌̜	◌̤ Soproso vozeado	◌̥ ◌̦	◌̧ Dental	◌̨ ◌̩
◌ Vozeado	◌̚ ◌̜	◌̤ Laringalizado vozeado	◌̥ ◌̦	◌̧ Apical	◌̨ ◌̩
◌ Aspirado	◌̚ ◌̜	◌̤ Linguolabial	◌̥ ◌̦	◌̧ Laminar	◌̨ ◌̩
◌ Mais arredondada	◌̚ ◌̜	◌̤ Labializado	◌̥ ◌̦	◌̧ Nasalizado	◌̨ ◌̩
◌ Menos arredondada	◌̚ ◌̜	◌̤ Palatalizado	◌̥ ◌̦	◌̧ Soltura nasal	◌̨ ◌̩
◌ Avançado	◌̚ ◌̜	◌̤ Velarizado	◌̥ ◌̦	◌̧ Soltura lateral	◌̨ ◌̩
◌ Retraído	◌̚ ◌̜	◌̤ Faringalizado	◌̥ ◌̦	◌̧ Soltura não audível	◌̨ ◌̩
◌ Centralizado	◌̚ ◌̜	◌̤ Velarizado ou faringalizado	◌̥ ◌̦		
◌ Centralizado ao meio	◌̚ ◌̜	◌̤ Alçado	◌̥ ◌̦ (◌̥ = fricativa alveolar vozeada)		
◌ Silábico	◌̚ ◌̜	◌̤ Abaixado	◌̥ ◌̦ (◌̥ = aproximante bilabial vozeada)		
◌ Assilábico	◌̚ ◌̜	◌̤ Raiz da língua avançada	◌̥ ◌̦		
◌ Roticizado	◌̚ ◌̜	◌̤ Raiz da língua retraída	◌̥ ◌̦		

Alguns diacríticos podem ser colocados acima de um símbolo com uma descendente, e.g. ɲ̥̩̜̚

VOGAIS



Onde os símbolos aparecem aos pares, o da direita representa uma vogal arredondada.

SUPRASSEGMENTAIS

ˈ Acento primário	ˈfounəˈtɪʃən
ˌ Acento secundário	
ː Longo	eː
ˑ Meio longo	eˑ
˘ Muito curto	e˘
Agrupamento menor (pé)	
Agrupamento maior (entoacional)	
· Quebra silábica	.ni.ækt
◌ Ligatura (ausência de quebra)	

TOM E ACENTOS DE PALAVRA

NÍVEL	CONTORNO
ẽ̥ ou ʔ Muito alto	ẽ̥ ou ʔ Ascendente
é Alto	ẽ̥ Descendente
ē Medial	ẽ̥ Descendente elevado
è Baixo	ẽ̥ Descendente abaixado
ẽ̥ Muito baixo	ẽ̥ Ascendente-descendente
↓ Nível abaixo	↗ Subida global
↑ Nível acima	↘ Descida global

## Anexo 2

Data from Four Polynesian Languages

	Tongan	Samoaan	Rarotongan	Hawaiian	
1.	tapu	tapu	tapu	kapu	'forbidden'
2.	pito	pute	pito	piko	'navel'
3.	puhi	feula	pu?i	puhi	'blow'
4.	tafa?aki	tafa	ta?a	kaha	'side'
5.	ta?e	tae	tae	kae	'feces'
6.	tanjata	tanjata	tanjata	kanaka	'man'
7.	tahi	tai	tai	kai	'sea'
8.	malohi	malosi	ka?a	?aha	'strong'
9.	kalo	?alo	karo	?alo	'dodge'
10.	aka	a?a	aka	a?a	'root'
11.	?ahu	au	au	au	'gall'
12.	?ulu	ulu	uru	po?o	'head'
13.	?ufi	ufi	u?i	uhi	'yam'
14.	afi	afi	a?i	ahi	'fire'
15.	faa	faa	?aa	haa	'four'
16.	feke	fe?e	?eke	he?e	'octopus'
17.	ika	i?a	ika	i?a	'fish'
18.	ihu	isu	putanjo	ihu	'nose'
19.	hau	sau	?au	hau	'dew'
20.	tafuafi	si?a	?ika	hi?a	'firemaking'
21.	hiku	si?u	?iku	hi?u	'tail'
22.	hake	a?e	ake	a?e	'up'
23.	huu	ulu	uru	komo	'enter'
24.	manja	manja	manja	mana	'branch'
25.	ma?u	mau	mau	mau	'constant'
26.	maa	mala	mara	mala	'fermented'
27.	na?a	fa?anja	maninia	naa	'quieten'
28.	nofo	nofo	no?o	noho	'sit'
29.	nalu	nalu	naru	nalu	'wave'
30.	nutu	nutu	nutu	nuku	'mouth'
31.	vaka	va?a	vaka	wa?a	'canoe'
32.	va?e	vae	vae	wae	'leg'
33.	laho	laso	ra?o	laho	'scrotum'
34.	lohu	lou	rou	lou	'fruit-picking pole'
35.	ojo	lojo	rojo	lono	'hear'
36.	ua	lua	rua	lua	'two'

## Anexo 3

Table of Correspondences				
	Tongan	Samoaan	Rarotongan	Hawaiian
<b>Vowels</b>				
*a	a	a	a	a
*e	e	e	e	e
*i	i	i	i	i
*o	o	o	o	o
*u	u	u	u	u
<b>Consonants</b>				
*p	p	p	p	p
*f	f	f	ʔ	h
*t	t	t	t	k
*k	k	ʔ	k	ʔ
*s	h	s	ʔ	h
*ʔ	ʔ	∅	∅	∅
*h	h	∅	∅	∅
*m	m	m	m	m
*n	n	n	n	n
*ŋ	ŋ	ŋ	ŋ	n
*w	v	v	v	w
*l	l	l	r	l
*r	∅	l	r	l

